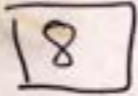


Fact
-
ring



Sexta-feira, 15/11/63

Hora - 21 horas

Patrocínio : ORNIEX

Produtor : OSVALDO MOLES

HISTÓRIAS DAS MALOCAS

LOCUTOR E a Rádio Record a estação RRB 9 de São Paulo - passa a apresentar, neste momento...

LOCUTORA HISTÓRIAS DAS MALOCAS.

LOCUTOR Um programa escrito por OSVALDO MOLES.

LOCUTORA Viagem costeira pela vida dos humildes.

LOCUTOR Há cerca de 8 anos, Histórias das Malocas, segundo as pesquisas de audiência realizadas pelos institutos especializados, mantêm-se em primeiro lugar na preferência dos ouvintes.

LOCUTORA Porque se trata de um programa humano, com personagens que, de fato, existem e que retrata o drama da vida diária que a máquina de escrever da realidade vai traçando.

TÉCNICA PREFIXO DO PROGRAMA.

MENSAGEM COMERCIAL ORNIEX

TÉCNICA PREFIXO DO PROGRAMA.

LOCUTORA

Na Matéria dos Malocas, hoje, os maiores cartazes comediantes do Rádio e da TV :

LOCUTOR

SIMPLICIO.

LOCUTORA

DIALMA AMARAL

LOCUTORA

VICENTE ALVES.

LOCUTOR

RAQUEL MARTINS.

LOCUTORA

VALERIA LUERCI.

LOCUTOR

E, no papel de Charutinho, o popularíssimo comediante do disco e do circo, do rádio, da TV e do cinema nacional ADONIRAN BARBOSA

BARBOSA

MEHEHEHEHE é como eu digo e arrepiro o pito : eu num sô parafuso, mais ando sempre no aperto.

LOCUTORA

Para o programa de hoje, OSVALDO MOLES escreveu um radioconto original.

LOCUTOR

Título : O QUARTO CENTENÁRIO DA CACHAÇA.

LOCUTORA

E, para dar início ao programa de hoje, vamos chamar no nosso microfone o narrador

.....

LOCUTOR

Com vocês, o narrador

NARRADOR

O morro é, assim, uma espécie de presépio sem antidade, sem bois fumegando como bules para aquecer o ambiente e sem burricos para conduzir alguém encosta acima, naquela sinuosa estradinha que leva aos barracos unidos, lá em cima, como se estivessem colando-se uns aos outros, por causa do frio...

RAQUEL

É como eu dizia o outro dia :

- Quem mora no morro e tem sono pesado, pode acordar rolando ladêra.

DIALMA

E eu sei lá ? Eu nunca dormi em ladêra.

NARRADOR

Acabou que, nessa noite, no Morro do Pielho, havia aquela conversa de pátio, de quintal, de ar livre, porque fazia calor.

E reunião dançante de ranchos se faz sempre com música, sem dança e sem calção...

- RAQUEL É muito ingrato.
No outro dia, o Caxa de Vento tava leno
pra mim um jornal.
Leu tudo que era pája.
Eu escutei coisas de politica, que eu
num intindia, mais que o Cacha se atrapal-
va tudo, engrolano.
Sabe que jornal num fala uma veiz, nem uma
veizinha só em pinga ?
- DIJA Eu num tô entendendo. Intão jornal tem que
falá em uca ô é brigado a falá ?
- RAQUEL Não. Eu só quiria sabê uma coisa : quando
é que a gente vamos tê a lebeldade de
homenageá a cachaça ?
- DIJA É verdade, Simprigo. Tem dia de tudo - Dia
das Mãe, dia dos Pais, Dia dos "amorado...
Tem intê o dia da turma que trabalha de noi-
te. Chama assim : "Dia da Noite!
- DIJA Mais o Dia da Cachaça num tem. Pra quê ?
- VALERIA É verdade. É o que eu tenho arreparado.
Tem a Festa da Uva - a Festa do Vinho - a
Festa do Coquetêr.
- BARBOSA A festa do que ?
- VALERIA COQUETER.
- BARBOSA O qui qui é isso, hein ?
- VALERIA COQUETER é sempre uma mistura de bábida que
os granfa selve.
- RAQUEL Eu manjo.
Um dia ? Eu tava empregado numa casa ? Bi-
zero uma festa ? E o coquetêr chamava
meias de seda.
- BARBOSA Ah... Agora ô já intindia. O dono da casa num
chamava Coquetêr.
- RAQUEL Não sinho... Era um...
- BARBOSA (CORTA) Intão era a dona da casa ?

- RAQUEL Tomam não sinhô.
- BARBOSA I como é que a dona Coqueter usava melhas de sêda ?
- RAQUEL Charutinho! Se o tã num dexê eu ti ispricã procô, nunca que o cã vai intendê.
- BARBOSA Num percisa. Eu já manjei tudo. O que eu quero sabê é se existe o Dia da Cachaça, como o seu Dija priguntô.
- DIJA Rearmente. O Dia da Cacjaça devia de sê istituido. Pruquê ...
- RAQUEL É munto fáuci. Quem toma cachaça tá chojel-to ao esculacho.
- No ôtro dia o Cavêra Diente foi pidi esmola na fera e tudo mundo dizia :
- Num dô esmola pruquê êsse cara vai bebê cachaça.
- SIMP. I o que foi que o Cavêra Diente arrespondeu ?
- RAQUEL Ele falô ansim :
- Mindingo de fera micha, do largo do Precebejo, só pode tomã cachaça nêmo que num dá prá mais.
- Com êsses tico tico que occis mi dá, eu devia de tomã o que ? Chimpanha ?
- VALERIA O qui qui é chimpanha ?
- DIJA Chimpánha é uma bomba ?
- BARBOSA Da fentaria ô da ratilharla ?
- DIJA Chimpanha sempre estôra.
- Um dia, quando qua era lavadô de carro, fui lavá carro na rua Rubuquerque Linho, numa casa que tinha int'e janela de vidro.
- VALERIA É. Eu uvi dizê que granfino usa int'e papêu de sêda no locã do crime.
- DIJA Valêra, manêra. Dexa eu traminã. O que eu vi, foi um armôço de neversalho.
- VALERIA I o que é que é neversalho ?
- DIJA É uma coisa que rico faiz.
- BARBOSA Deve de dá lucro. Se eu adiscutrisse a

BARBOSA

receita de fazê neversalho pronto pá vendê
pôs granfo, eu botava a boca em capim.

DIJA

Oegis qué dexá eu curcruí ô num qué ?
Bão. Vai daí, vinnêro uma copinho que
parecia cûia de queje daquelas que as
mulie de nôro usa pá tomá banho.
Intão, o chefe da casa pegô numa garrafa...
foi tirano a rôia divagarinho... e
SCATABUM... deu uma esprusa...

Eu pensei que fôsse tiro e saí largado
levanoas minhas perna.

SIMP.

Escuita, seu Dija, ocê provô a tar de chim-
panha ?

DIJA

Chamáro eu e dero um copo prá mim...

SIMP.

E o que ocê feiz ?

DIJA

Eu disfarcei e joguei drento do radiadô do
carro, de mistura cá água.

SIMP.

Mais par que ?

DIJA

Porque tava meio marôto, seu. O liquis, o
liquis que tava no copinho tava frevano...
mais pru fora tava gelado...
Eu pensei que fôsse veneno e...

RAQUEL

(RISADA) (CORTA) Ocê num tem um plago de
jizo na caqueto, Dija. Ocê num sabe que
granfia frêve no frio ?

BARBOSA

Bão, isso tudo tá certo, mais das variedade
de bibida, a que eu mais cunheço é a uca.
Uca pode nê birinaite, asulinha, tapa de
onça, rôgo, água de martipricã...

SIMP.

O qui qui é ? Agua de martipricã.

BARBOSA

É o que eles diz. Que quando o cara bebe
munta uca, vê tudo dobrado.

VALERIA

Afinar de conta, que valô tem a uca ?

RAQUEL

Eu só dimito com losna, que é o que feiz
bem pá trêpa.

BARBOSA

Eu, quando bebo cachaca, eu bebo ela pura,
que é prá num corrosspá a donzela.

RAQUEL

Mais eu só queria saber como foi que nasceu a cachaça no Brasil.

Veio de Portugal, cês descubridô ?

SIMPL.

(T LENTO) Peço licença pá explicá o qui qui é a cachaça.

TÉCNICA

(BATUCA AFRICANO EM FUNDO, COM TAN-TÁS-BEM A BG).

SIMP.

A escravidão era uma grande noite, com lua de angú amargo pintada como Proteo no céu.

O nêgo cunia cá mão na gamela da senzala.

O "nhêngo" africano - que era angú com miúdo desprezado.

O nêgo era forte.

Vinha de Uganda, de Sngola, da Costa do Oro, das Malés, da zona Bântu...

Era forte por causa da seleção naturáu, porque os mais fraco murria nos porão dos navio que se chamava tûmulo.

O nêgo que vinha da cultura Musurmi (Mussumi) trazia da África tôda a sapiença do Oriente.

E, aos pòcos, o branco foi veno que a cozinha africana, a capuêra de Angola, a medicina árabe do nêgo malinque, as reza e inté os instrumento de pêle, tavam dominando o mm branco que era o rei, o sinhô, o dono.

Um dia, num ingenho do Estado do Rio ô de Pernambuco - num se sabe - no cabêço de ingenho, depois de feito o açúca, sobrô a bôrra da cana.

A bôrra do melaçô tava lá e alguns negros faminto arresorvêro espromentá a bôrra.

Bebêro daquilo e gritavam :

Tafiá !... Tafiá !...

Tafiá queria dizê resto ô senão água de fogo. E ficáro num estado tão bambo, tão molengo, tão dengoso... que num arreagiro mais contra o castigo de capataiz.

SIMP.

Foi aí que os branco descobriro que o único meio de domina. por sempre o escravo revoltado, o escravo inconfimado, o escravo-bugunça, era dá de bebê a água de fogo.

Foi assim que nasceu a nossa cachaça. É a mesma cachaça que, hoje, no frio, os nêgo bebe feito cobertô.

É o sangue branco do Brasil - a moça branca que canta como sereno nas orçã da gente - é um meio de dominação.

Isso é a cachaça.

Foi o ópio dos nêgo que se viciáro e, por um trago da branquinha, nunca mais se levantáro.

A cachaça foi o primeiro pagamento que o nêgo do Brasil arrecoheu... na madrugada da vida da nossa terra.

SOBRE OS TAMBORES - EMENDA COM PREFIXO DO PROGRAMA - cai a bg para sumir.

TÉCNICA

MENSAGEM

COMERCIAL

ORNIX.

TECNICA

NARRADOR

SOBRE O PREFIXO DO PROGRAMA.

Juro que apareceu uma ^{ou} outra lágrima nas olhos dos que ouviam o Simplicio fazer o traçado do nascimento daquilo que ele chamava o sangue do Brasil.

Até que o Charutinho dissesse, comovido:

BARBOSA

Num fala mais Simprico, num boqueja mais. Que, redepente, as lagrima começa a rolá de minhas pápëbra... e eu tô na hora de bebê umas e ôtras e pode misturá cás lágrima...

É um cano, porque eu gosto de cachaça pura.

- BARBOSA Eu entro cõ saca rôia.
- DIJA Mais óia. O que a gente deve de fazê é mandá pô jorná. Mangina saino ansim na Gaveta Esportiva : O Mórro do Piôio comemora o Quarto ~~mas~~ Centenário da Cachaça.
- RAQUEL Bão. Intão, vamo fezê o seguinte. A festa é cumingo di di noite, lá em casa.
- BARBOSA O que ? Por que é que só domingo di di noite ? Uma festa dessa tem que começá de manhã.
- RAQUEL Océ é o nêgo mais afobado do mundo pã bebê cachaça.
- BARBOSA Eu, nessa dia, num bebo.
- DIJA (ADMIRADO) Ó que ? Océ tá falano sério ó tá falano de aráque ?
- BARBOSA Bão, nesse dia, eu num bebo praquê tem que té um dia em que a gente guarda arrespeito pela instituição nacioná chamado quebradêra.
- RAQUEL Océ promete que num toma pileque, Charutinho ?
- BARBOSA Já diciá. Eu sô um nêgo de palavra. Prigunta pô Chico Tira. Quando éla prigunta ansim :
- VICENTE Charutinho : Océ tá com vontade de í in cana ?
- BARBOSA Aí, eu arresisto e falo que não. I o meu nã é não mesmo. Intão, éle tota eu in cana só prá vê se compro a palavra de cum í in cana é fujo. E eu dô o pira. Intão, éle prende eu porque eu di o pira. Eles fala que eu sô um invadido. Eu tenho cara de invadido da cadeia ?
- DIJA Não, Charutinho. A gente confiemos nocê. Océ é nosso. Océ é do Mórro. Océ apretence à paljaja, tanto quanto os barraco e os camão de criouza...

- BARBOSA Bão. Já que occis dero essa demonstração de confiança, eu vô dizê uma coisa. Vô trabalhá.
- SIMP. O que ? Mi sígura eu ? Deu um trôço carquê no Charutinho.
- BARBOSA Eu, quando escuito uma coisa que faiz eu levantá a cabeça, eu fico com a pele como se fôsse esponja e o cabelo como se fosse páia de aço...
Eu vô trabalhá.
- RAQUEL Charutinho ?
Larga a mão de fazê bobáge.
Océ né disse.
- BARBOSA Vô trabalhá pá podê entrá em alguma coisa pá festa da caçaça.
- NARRADOR O Charutinho foi prá primeira feira que ~~me~~ encontrou, na descida do Mórro..
- BARBOSA Carregadô. Carregadô. Vai carregá a cesta, madama ?...
Carregadôoooo
- VALERIA (AGORA BRANCA) O senhor tenha a bondade de apanhar meu carrinho, sim ?
- BARBOSA Bunito carrinho, madama. É vorquisvaca ?
- VALERIA Já via carrinho de feira ter marca ?
- NARRADOR E foi assim que, no fim de tres feiras, o Charutinho estava com tres mil cruzeiros.
- BARBOSA Raquêu. Ó Raquêu.
- RAQUEL 1.
- BARBOSA Eu arrumei três abobrinha. Eu vô dá 50 cruzeiros pá festa e o resto eu vô liquidificá.
- RAQUEL Num tôi isso que ocê prometsu, não. Océ disse que ia trabalhá pá festa.

BARBOSA

Mas quanto é que o devo dá cá ?

RAQUEL

Tudo.

BARBOSA

Tudo é munto.

RAQUEL

(SENTIMENTAL) Charutinho... Escuita... Tem muita gente miçha que num vai podê entrá cum nada... A Maria do Matinho, o Cachorro Quente... tuda essa gente num tem nem pá nada... Múmies come tão póco que, quando entra um cisco no ño eles pede prá mim soprá, porque eles num tem folça pá soprá.

BARBOSA

(COMOVIDÔ) Tem que pídi procê soprá. Se sô eu que sópro, c'ô meu bafo de cachaça... eu torro carque zôio.

RAQUEL

Seno assim, Acã num quê...

BARBOSA

Leva os três mir e eu fico de novo como vi no mundo.

NARRADOR

Veio o domingo da grande festa do Quarto Aniversário da Cachaça. O Charutinho viu aquela gente pobre passar...

BARBOSA

Manja o Cachorro Frio... só vai entrá cá boca... Manja aquele que tem câimbra no coração... só vai entrá c'ô bebedô da cara...

NARRADOR

~~Essa gente simpies tem ranções que a gente nunca espera... E a festa começou...~~

RAQUEL

(ALTO) Viva a Festa da Cachaça !...

TODOS

VIVOOOOO; ; ; ;

TECNICA

SOBE UM GRANDE RUIDO DE MULTIDAO.

NARRADOR

A horas tantas, chegou Mané Tira...

VICENTE

Tá tudo mundo aqui se adiveltino, né ?

DIJA

Tão sim. Mangina que o Charutinho deu três nota de vaca de mkr...

VICENTE

I adonde que êle afanô ?

DIJA

Num afanô, não. Ganhô trabalhano de carregadô na fera.

VICENTE

I adonde que tá o Charutinho ?

DIJA

Ele num quis vim. Ele quis fazê uma festa pôs mais miçho do que êle e num quis omentá.

DILJA

VICENTE

NARRADOR

uma boca a mais no festivar da cachaça.
(ESTRANHADO) O que ? Mais isso é o cúmulo.

O Chico Tira saiu dali da festa e foi andando e meditando... Quando chegou lá em baixo, na sala do Mórro, viu o Charutinho sentado, à luz do luar, contemplando a grande noite de estio sarapintada de estrelas...

VICENTE

BARBOSA

VICENTE

BARBOSA

VICENTE

BARBOSA

VICENTE

O que é que tá fazendo a í, ô....

Tô veno estrela... Sabe que as estrela parece copo de cachaça no barcão do céu ?...

Ocê num foi na festa ?

Num fui curvidado...

Charutinho ! Seu Pilantra !... Intão eu num ti manjo ? Arguma, ocê tá armando...

Ocê é um tira tanto bazuatível.

Natureiramente, inquanto que as turma se pilqueia na festa, ocê... ocê vai escurunchá as casa... e robá, né ?

(T) Tá preso !

BARBOSA

O que ? Eu nunca vi ninguém sê preso por está de fora duma festa.

VICENTE

É prisão perventiva. (T) Tá preso e acabou !

NARRADOR

Sem se incomodar muito com o seu destino, até com uma luz no olhar, de felicidade por ter dado alegria aos mais pobres do que ele, o Charutinho foi dizendo...

BARBOSA

Sabe, Chico Tira ? Parece que eu tenho uma luz de caqueto de santo no bolso...

VICENTE

Cala as boca, tisiu. Preso num fala.

BARBOSA

É como diz o delgado ?

- Cachorro magro, quando injeta ôsso, logo tudo mundo mata ele porque diz que tá cum a duença da réiva.

TÉCNICA

PREFISO.

MENSAGEM

COMERCIAL

ORNIE X.